

Málúù Dúddú: a toada de boi que virou um fenômeno Folkmidiático na internet

Gabriel Ferreira Fragata¹

Danielly Inomata²

Gleilson Medins³

Submetido em: 20/04/2025

Aceito em: 14/10/2025

RESUMO

Além de reforçar e defender o conhecimento tradicional e a riqueza cultural dos povos amazônicos por meio do seu enredo escrito e cênico, o festival de Boi-Bumbá de Parintins apresenta ao público uma diversidade de linguagens (imagens e símbolos) representativos da ribeiridade e ancestralidade amazônica. Tudo isso é transformado em espetáculo artístico para contemplação do público presente e ausente, pois o festival popular de Parintins virou um produto mercadológico, que chamaremos aqui de Folkmidiático, a partir dos pressupostos teóricos da Folkcomunicação. Todos esses elementos são pistas comunicacionais que o festival utiliza para que todos possam captar (ou até se transportar) à essência da cultura

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação (PPGCOM-UFPA), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA-Ufam), Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo (Icsez-Ufam), Diretor de Comunicação da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom), Diretor Regional Norte da Rede Folkcom, Professor Colaborador do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC-Ufam), Membro dos grupos de pesquisa Trokano (FIC- Ufam), Cidadania Comunicativa (PPGCOM-UFPA) e NAURBE (PPGAS-Ufam). Correio eletrônico: ferreiragabriel.gf8@gmail.com

² Mestre e doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação (PPGIC/UFAM). Também atua no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora e vice-líder do grupo de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia (GICA/UFAM). Correio eletrônico: dinomata@ufam.edu.br

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokano/UFAM) e do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Imaginário (Imaginalis/UFRGS). Coordenador de Comunicação e Técnico Audiovisual da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da UFAM. Correio eletrônico: gleilsonmedins@ufam.edu.br

amazônica. Naturalmente, o boi de pano é o maior ícone da festa e anfitrião do espetáculo, mas o maior elo comunicacional entre todos esses signos de linguagem é a toada de boi, ritmo genuinamente amazonense criado para conduzir e definir a temperatura da festa de Boi-Bumbá. Destacamos neste artigo a toada Málúù Dúddú, do Boi Caprichoso, que em 2024 ganhou um notável protagonismo durante e após o festival, viralizando (como um fenômeno folkmediático) na internet com o recorde de mais de 1 milhão de acessos em apenas quatro meses. Para apresentarmos o potencial simbólico (artístico e social) desta toada, utilizamos nesta breve incursão qualitativa, a perspectiva folkcomunicacional e o método da Análise do Discurso (à luz de Michail Bakhtin), considerando ainda a visão do compositor, por meio de entrevistas em profundidade.

PALAVRAS-CHAVE

Festival de Parintins; Toada: Folkcomunicação; Cultura amazônica; Folkmídia.

Málúù Dúddú: the ox tune that became a Folkmedia phenomenon on the internet

ABSTRACT

In addition to reinforcing and defending the traditional knowledge and cultural richness of the Amazonian peoples through its written and scenic plot, the Boi-Bumbá festival of Parintins presents to the public a diversity of languages (images and symbols) representative of the Amazonian riverside and ancestry. All of this is transformed into an artistic spectacle for the contemplation of the present and absent public, because the popular festival of Parintins has become a market product, which we will call Folkmediatic, based on the theoretical assumptions of Folkcommunication. All these elements are communicational clues that the festival uses so that everyone can capture (or even be transported) to the essence of Amazonian culture. Naturally, the cloth ox is the greatest icon of the party and host of the show, but the greatest communicational link between all these language signs is the toada de boi, a genuinely Amazonian rhythm created to lead and set the temperature of the Boi-Bumbá party. In this article, we highlight the tune Málúù Dúddú, by Boi Caprichoso, which in 2024 gained a notable prominence during and after the festival, going viral (as a folkmedia phenomenon) on the internet with a record of more than 1 million hits in just four months. In order to present the symbolic potential (artistic and social) of this tune, we used in this brief qualitative incursion, the folkcommunicational perspective and the method of Discourse Analysis (in the light of Michail Bakhtin), also considering the composer's vision, through in-depth interviews.

KEY-WORDS

Parintins Festival; Toada: Folkcommunication; Amazonian culture; Folkmedia.

Málúù Dúddú: la melodía de buey que se convirtió en un fenómeno Folkmedia en internet

RESUMEN

Además de reforzar y defender los conocimientos tradicionales y la riqueza cultural de los pueblos amazónicos a través de su trama escrita y escénica, el festival Boi-Bumbá de Parintins presenta al público una diversidad de lenguajes (imágenes y símbolos) representativos de la ribera amazónica y de su ancestralidad. Todo ello se transforma en un espectáculo artístico para la contemplación del público presente y ausente, porque la fiesta popular de Parintins se ha convertido en un producto de mercado, al que denominaremos aquí Folkmediatic, a partir de los supuestos teóricos de la Comunicación Popular. Todos estos elementos son pistas comunicativas que el festival utiliza para que todos puedan captar (o incluso transportarse) a la esencia de la cultura amazónica. Naturalmente, el buey de tela es el mayor ícono de la fiesta y el anfitrión del espectáculo, pero el mayor vínculo comunicacional entre todos estos signos lingüísticos es la toada de boi, un ritmo genuinamente amazónico creado para liderar y marcar la temperatura de la fiesta del Boi-Bumbá. En este artículo, destacamos la melodía Málúù Dúddú, de Boi Caprichoso, que en 2024 ganó un notable protagonismo durante y después del festival, volviéndose viral (como fenómeno folkmedia) en internet con un registro de más de 1 millón de visitas en tan solo cuatro meses. Con el fin de presentar el potencial simbólico (artístico y social) de esta melodía, utilizamos en esta breve incursión cualitativa, la perspectiva comunicacional folclórica y el método de Análisis del Discurso (a la luz de Mijaíl Bajtín), considerando también la visión del compositor, a través de entrevistas en profundidad.

PALABRAS-CLAVE

Fiesta de Parintins; Toada: Comunicación popular; Cultura amazónica; Medios de comunicación populares.

Introdução

Como definido por Luiz da Câmara Cascudo (2001), toada é um subgênero musical semelhante a uma cantiga ou canção curta, geralmente composta por refrãos em forma de quadras, cujos temas predominantes são de natureza lírica (sentimental) ou brejeira (jocosa)

(RODRIGUES, 2006). Núcleo criativo dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido, a toada de boi é o pulsar do maior festival a céu aberto do planeta, o Festival Folclórico de Parintins, realizado no último final de semana do mês de junho⁴, no município de Parintins-AM, localizado na região do Baixo Amazonas. Em 2024, o Governo Federal divulgou⁵ que o Festival Folclórico de Parintins foi formalmente reconhecido, por meio da Lei nº 2610/2023, como Manifestação da Cultura Nacional.

Na mesma página do *site* do Ministério da Cultura, o governo destacou que em 2017 o festival já havia sido declarado como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado, e que em 2018, “(...) foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural do Brasil”.

Parte integrante desta manifestação folclórica mundialmente reconhecida, a toada é o único elemento da festa de Boi-Bumbá que está presente em todos os ciclos do espetáculo (começo, meio e fim). E é a toada quem dá o tom e dita o calor e/ou a atmosfera da festa. Nesta reflexão, além de conceituar e apresentar relevantes considerações científicas de autores amazônicos sobre o papel e a importância da toada para a cultura amazônica, buscamos explorar (em particular) o potencial semântico da toada Málúú Dúddú e trazer à tona sua representatividade enquanto veículo folkcomunicação.

Segundo Nogueira (2014), é por meio dela – a toada – que surge o espetáculo cênico e coreográfico, sobretudo dos itens individuais, bem como a elaboração das alegorias e a energia que anima os brincantes e a galera⁶. Do ponto de vista antropológico, Braga (2002) destaca que as toadas resultam de um longo processo, da criação artística do compositor,

⁴ Até o ano de 2005 o Festival ocorria tradicionalmente nos dias 28, 29 e 30 e dada a sua magnitude, passou a acontecer no último final de semana de junho, como estratégia para atração de turistas e agenda permanente.

⁵ Festival de Parintins. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/festival-de-parintins-e-arraial-do-pavulagem-sao-reconhecidos-como-manifestacoes-da-cultura-nacional> Acesso em 8 de abril de 2025.

⁶ Como são chamados os adeptos ou a torcida dos bumbás. Na lista de 23 itens de julgamento/votação do espetáculo, a galera ocupa o número 19 e costuma desempatar várias disputas acirradas na arena. As galeras fazem um show à parte nas arquibancadas do Bumbódromo e apresentam coreografias, gritos de guerra e adereços variados para somar pontos ao seu bumbá, além de ditar o ritmo da atmosfera do espetáculo aos foliões de arena, sempre no compasso das toadas e/ou sob o comando do seu apresentador (item 1). Uma das regras de arena mais importantes (e passível de punição) é a de que, enquanto um Boi está fazendo a sua apresentação, a galera adversária deve permanecer em silêncio, e sequer, apresentar movimentos/manifestações de contrariedade e/ou xingamentos gestuais.

seleção da toada pelo Boi-Bumbá à interpretação do levantador de toadas no Festival de Parintins,

quando este contribui na apresentação das músicas do Boi-Bumbá no Festival e concorre ao item toada nas três noites do espetáculo. E nesses momentos, os brincantes permanecem atentos, pois são eles quem, em última instância, definem a preferência ou gosto musical das toadas (Braga, 2002, p.57).

Em meio a esse processo criativo e artístico, diante da aceleração moderna e pós-moderna da cultura dentro do Boi de Parintins, a toada também se tornou produto de entretenimento. Nesse sentido Nogueira (2014) confirma que, assim, as toadas circulam mais rápido no mercado e muitas delas se transformam em peças antológicas e, logo, se estendem por muitos festivais. Suas mensagens são menos um estilo e mais um discurso musical, uma hibridização de música folclórica com música comercial tematizada na realidade e no imaginário Amazônico.

Além de um produto, a toada também pode ser compreendida como um fenômeno da Comunicação, como um veículo folkmediático dentro dos conceitos da Teoria da Folkcomunicação, conforme Beltrão (1980). Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar a toada do Boi Caprichoso, Málúù Dúddú, dos compositores Adriano Aguiar, Tomaz Miranda e Gean Souza, como veículo folkmediático no Festival Folclórico de Parintins, do ano de 2024.

A escolha desta toada ocorre após um feito considerado inédito dentro do universo musical do Boi de Parintins, Málúù Dúddú ⁷ alcançou em apenas quatro meses, o recorde de 1 milhão de reproduções na plataforma de *streaming*, *Spotify*, no ano de 2024. A média, segundo o Boi Caprichoso é que uma toada só atinge o respectivo número de reproduções após o primeiro ano do lançamento.

A obra musical fez parte do álbum “*Cultura – O Triunfo do Povo*” e foi destaque na conquista do tricampeonato do Boi Caprichoso na 57ª edição do Festival Folclórico de Parintins, que reuniu 120 mil⁸ pessoas no período festivo de 28 a 30 de junho de 2024.

⁷ Repórter Parintins: Málúù Dúddú: toada do Boi Caprichoso ultrapassa 1 milhão de reprodução no Spotify em tempo recorde Disponível em: <https://reporterparintins.com.br/?q=276-conteudo-280871-maluu-dudu-toada-do-boi-caprichoso-ultrapassa-1-milhao-de-reproducao-no-spotify-em-tempo-recorde>. Acesso em 4 de abril de 2025.

⁸ Parintins 2024: festival bate recordes de público e de faturamento | Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/conteudo-especial/parintins-2024> Acesso em 5 de abril de 2025.

Além disso, reflete-se neste trabalho, a nova realidade da cultura digital em que se insere como canais midiáticos, sendo mais usadas as mídias sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*, *X* (ex-Twitter), e plataformas de *streaming* como *YouTube* e *Spotify*. São nesses espaços que a comunicação sobre a própria manifestação folclórica dos bois ocorre de forma cada vez mais acelerada, diferente da época em que as tecnologias de informação e comunicação não eram tão especializadas como hoje.

Folkmídia: do popular ao massivo

A partir do legado de Luiz Beltrão (1971), a teoria da Folkcomunicação vem ganhando visões multifocais e polissêmicas, abordando as tensões comunicacionais de forma cada vez mais multidisciplinar e especializada, afastando-se do pragmatismo estruturalista. Um desses desdobramentos é a Folkmídia, conceito folkcomunicacional especialmente difundido por Roberto Benjamin. A partir dos pressupostos de Benjamin (2000), um fenômeno comunicacional passa a ser considerado folkmidiático quando extravasa as barreiras da marginalidade e emerge ao público heterogêneo como um produto midiático, tornando-se também parte integrante da agenda pública massiva dos meios hegemônicos de comunicação: rádio, TV, cinema, internet, jornais impressos, etc.

Os fenômenos folkmidiáticos, conforme descritos por Roberto Benjamin (2000), referem-se à interação e fusão entre a cultura popular tradicional (folclore) e os meios de comunicação de massa. Benjamin analisa como as manifestações culturais populares são apropriadas, transformadas e retransmitidas pelos veículos midiáticos, resultando em novas formas de expressão cultural.

Um exemplo clássico de fenômeno folkmidiático é a transformação de festas populares, como o próprio Festival Folclórico de Parintins, o Carnaval ou as festas juninas Brasil a fora, que são tradicionalmente enraizadas em práticas culturais locais, mas que, ao serem transmitidas pela mídia, ganham novos significados e alcances. A mídia não apenas divulga essas manifestações, mas também as adapta para atender aos interesses comerciais e às audiências mais amplas, muitas vezes descontextualizando-as de suas origens culturais.

Benjamin (2000) destaca que essa interação pode levar a uma "folclorização" da mídia, onde elementos do folclore são incorporados nos produtos midiáticos, e a uma "midiatização"

do folclore, onde as práticas tradicionais são modificadas para se adequarem aos formatos midiáticos. Esse processo pode resultar tanto na valorização e revitalização de certas tradições quanto na sua diluição e descaracterização. Em suma, os fenômenos folkmediáticos mostram como a cultura popular e os meios de comunicação se influenciam mutuamente, criando dinâmicas culturais que refletem as complexas relações entre tradição e modernidade.

Evolução da Toada de Boi

No meio musical a toada de boi passou por transformação ao longo das décadas, da utilização de instrumentos de corda como violão, *charango*⁹, além de instrumentos de percussão como a caixinha, o surdo, a palminha (instrumento feito de madeira) e o repique; e ainda o uso de guitarras, contrabaixo, teclado, metais (saxofone, trompete e trombone), entre outros elementos afros e nordestinos, como atabaques, berimbau, congas, pandeiros, sanfona etc. Este é um exemplo da diversidade de elementos musicais que foram incorporados ao longo de mais de meio século de história do Festival de Parintins.

Para Costa (2020), os instrumentos de empréstimos culturais se destacam no contexto musical do Festival Folclórico de Parintins de forma primária, colocando os demais que são tradicionais na execução das toadas na composição do ritmo de cadência e identidade cultural a partir da batida ou batuque particular e característico, no caso o Boi Bumbá de Parintins, aos moldes da Indústria Cultural.

A partir disso, a diversidade técnica musical, narrativa, poética e artística na toada de boi neste processo de transformações foi moldada como produto para alcançar novos públicos, e conforme Nogueira (2014, p. 66) a toada harmônica, tocada no Bumbódromo, se configura como um laboratório de estilizações de sons, como o batuque de terreiro entrelaçado ao samba, ao *reggae*, ao *zulk*, e ao *rock and roll*. É uma mescla de gêneros musicais que se complementam no sentido artístico musical e em suas identidades culturais. Diante da evolução cultural e musical da toada como produto, compreende-se os efeitos

⁹ Instrumento de cordas andino, forjado na era da colonização da América do Sul. É, possivelmente, um antecessor do violão na cultura hispânica. Na Espanha, era conhecido como *vihuela* e após a colonização espanhola adaptou-se e passou a integrar a família instrumental do alaúde sob o nome de *charango*, passando a compor a cultura andina (precisamente as populações indígenas *Quíchua* e *Aimarás*), da Colômbia, Peru à Argentina.

desse processo, como parte da Indústria Cultural, no contexto social, cultural, político, econômico e histórico (COSTA, 2020).

Ainda sobre a toada como produto musical e cultural, Costa (2020) afirma que a evolução da toada por força da hibridização e os empréstimos culturais, levaram a toada ao *status* de música “intelectualizada”, até porque, as composições eram feitas a partir da vivência e experiências do dia a dia dos compositores, e passou depois de algum tempo, a ser composta com base em pesquisas, para tratar sobre costumes, crenças, ritos e lendas de povos indígenas que vivem na região Norte do país. Compreende-se, portanto, a evolução da toada sob um ponto de vista da própria produção da obra artística musical, para ir além do cotidiano, do conhecimento empírico, para se conectar ao meio acadêmico.

Além disso, a evolução da toada expandiu os assuntos tratados nas composições ultrapassando as fronteiras da Amazônia e dos atores que nela habitam (COSTA, 2020). Prova disso está na temática da toada Málúú Dúddú, objeto deste trabalho, que apresenta ao público uma relação socio-histórica e cultural da “Amazônia Negra”, da luta e resistência deste povo na região.

E ao fazer isso, extrapola os ambientes habituais de apresentação e difusão (Bumbódromo, rádio e TV aberta), batendo um recorde importante de visualizações na internet. Assim, Málúú Dúddú se afirma como um fenômeno folkmediático neste texto. Seu potencial folkmediático se evidencia por todo envolvimento nos mais diversos espaços que constituem a sociedade (por meio das relações comunitárias locais e pelos meios de comunicação de massa tradicionais e emergentes) e está atrelado à mercantilização de bens simbólicos que coloca a arte, sobretudo a toada, na condição de produto a ser oferecido para um público específico para ser consumido naquele momento, como é o caso do Festival Folclórico de Parintins.

Vale destacar que a toada também é um canal de comunicação como veículo folkmediático para “vender” o festival e massificar este período festivo. Aprofundamos esta ideia no tópico de “Análise da toada”. No contexto de evolução da toada de boi, a música elementar da festa de Caprichoso e Garantido em Parintins revela no imaginário popular coletivo, formas e formatos de como era o antes, o hoje e o depois, principalmente na construção do espetáculo a ser realizado no mês de junho, pois como de praxe, o álbum de toadas temáticas dos bois, mediante edital de seleção, são lançados meses antes do evento e

dão o tom das questões artísticas presentes no festival. Como aponta Costa (2020), a toada, sobretudo no novo formato musical, impõe uma tecnologia do imaginário fazendo o coletivo ter uma percepção de como será o espetáculo enquanto produto de consumo antes mesmo de ser formalizado.

Nesse sentido, Silva (2012), afirma que o imaginário se difunde por meio de tecnologias próprias, que podem ser chamadas de “tecnologias do imaginário”, pois esse novo formato musical da toada de boi dita pensamentos, gera comportamento dos indivíduos para aquisição de bens materiais relacionados à cultura do Boi-Bumbá provocado por anseios e vontades particulares construídos a partir de uma teia onde o imaginário, segundo Costa (2020), é uma palavra de ordem para consumo de um produto pré-fabricado que ainda não está à vista de todos.

Este, por exemplo, é o caso da toada por ter um valor simbólico significativo para condução artística e musical do Festival de Parintins. E por isso, a Indústria Cultural se apropria desses elementos culturais para transformar e gerar novos formatos, como é o caso da toada de boi, que precisou se adaptar ao mercado fonográfico e de entretenimento para ser vendável, persuadir, dominar e projetar na mente dos consumidores uma comunicação mercadológica (Costa, 2020).

Mesmo diante desse processo de apropriação da Indústria Cultural, na toada de boi, busca-se manter o tradicional (ou estilo raiz) como resistência e assim evitar o apagamento da memória musical dos bois de Parintins, ainda que tenham passado por processos de mudanças dentro da própria festa dos bois Caprichoso e Garantido. Para justificar esse viés mercadológico no processo de evolução da toada de boi, Nogueira (2008, p. 204) afirma que para atender ao mercado “os bumbás passaram a produzir estilos dançantes adequados aos espetáculos de massa”.

Internet como canal de mídia digital para a toada

Pode-se dizer que a cidade de Parintins passou por uma revolução tecnológica na comunicação no ano de 2006, com a chegada da *internet* banda larga, sobretudo pela velocidade. A antiga Praça do Cristo Redentor na terra dos bumbás, localizada no centro da cidade e de frente para o Rio Amazonas, tornou-se a “Praça Digital” após uma reforma, onde

virou o ponto de referência para a população ter acesso gratuito da nova tecnologia de informação e comunicação no município, a internet banda larga, que estava disponível a partir do projeto chamado Cidade Digital¹⁰.

O respectivo projeto foi desenvolvido pela Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPqD), empresa responsável pelo planejamento, projeto, especificação e instalação da “infovia” de Parintins e da rede WLAN, e também pela Intel no seu programa *World Ahead*, que fez a doação dos equipamentos e pessoal especializado à disposição para a implementação, bem como a Embratel cedeu o *link* de satélite para que a conexão chegasse à cidade, além da parceria com o Banco Bradesco e a gestão do então prefeito de Parintins, Frank Bi Garcia.

De acordo com Costa (2020), em 2008, Parintins viveu mais um grande evento para revolucionar a comunicação digital por meio do programa de internet banda larga do Governo Federal, que forneceu conexão à internet banda larga para 35 bairros da zona urbana e 31 comunidades rurais, por meio do termo de adesão ao programa de inclusão digital GESAC – Internet Para Todos, firmado entre a Prefeitura de Parintins e o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações.

Diante deste contexto histórico compreende-se que a partir daí foi possível conectar Parintins a um novo universo, possibilitando mais tarde, a partir das redes sociais, a criação de um canal digital para tratar sobre os Bois de Parintins, sobretudo na divulgação das toadas ouvidas somente por meio do CD e fitas. Neste cenário, as mídias digitais como *Facebook*, *WhatsApp*, *YouTube*, *Twitter* e mais tarde o *Instagram*, passaram a ser utilizadas como meios de divulgação da toada de boi, e conseqüentemente do Festival de Parintins.

Reforça-se, portanto, o conceito de Folkmídia corroborado por Trigueiro (2005) e Benjamin (2000), onde asseveram que se trata da apropriação da grande mídia sobre as manifestações da cultura popular e “quando os protagonistas das culturas populares se apropriam do espaço midiático e de suas ferramentas para reinventarem produtos culturais”. Tal movimento é evidenciado pelos compositores das toadas de boi, os torcedores dos bumbás (sejam eles de Parintins em sua maioria ou de outro lugar). Todos, a partir deste canal digital criado por meio da internet e das mídias sociais se transformam em

¹⁰ Disponível em: www.guiadascidadesdigitais.com.br Acesso em 1 de abril de 2025.

multiplicadores/divulgadores e, portanto, agentes folkcomunicacionais no processo de midiatisação da toada.

Inspiração para Málúù Dúddú - o compositor como ativista folkmediático

Na língua Iorubá (idioma de origem nigeriana), Málúù Dúddú significa Boi Preto. A ideia de batizar a toada com este nome surgiu de uma viagem de intercâmbio cultural do Boi Caprichoso a Salvador (BA), onde a agremiação participou de eventos culturais, folclóricos e artísticos.

O compositor da toada, Adriano Aguiar, relatou em entrevista ao *blog* do jornalista Roberto Sena, no dia 8 de Abril de 2024, que uma das primeiras inspirações veio ao observar a pintura afro na cabeça do boi de pano, “que já é utilizada nos sábados de apresentação do Bumbódromo, e em Salvador, a pintura me remeteu a um simbolismo forte de raiz afro. O Boi já tinha dançado a toada Boi de Negro”.

A partir daí, o compositor contou que a cena representativa do diálogo entre culturas na Bahia junto do músico Antônio Carlos dos Santos Vovô, o Vovô do Illê Aiyê, fundador do bloco de nome homônimo, pensou em escrever uma toada para mesclar o gingado inerente aos ritmos africanos como *Ijexá*, Samba *Reagge* presentes na gravação da toada Málúù Dúddú e a brincadeira do Boi- Bumbá, que como “arquétipo da Cultura Popular pudesse dançar com elementos que se diferenciasssem de toadas já feitas” (AGUIAR, 2024).

E todo processo de construção da toada passou por pesquisas realizadas pelo próprio Adriano Aguiar, de expressões no Iorubá, até encontrar a palavra Málúù Dúddú.

A melodia já veio junto na mente, junto com refrão. E para somar ao pensamento da toada eu insiro de maneira poética um manifesto junto com sentimento de afirmações, lutas, resistências e bandeiras políticas. Quando eu cito “a pele feita no calor”, é tanto a pele que liga o couro do Caprichoso quando a pele dos tambores, e também ao avô do Alexandre Azevedo (Tripa do Boi) que retezava os tambores da Marujada, uma tradição passada dentro da família Azevedo de carregar, confeccionar e se apresentar com o Boi. Assim nasceu Málúù Dúddú (ADRIANO AGUIAR, 2024).

Nesse processo de construção da toada, classificamos o compositor Adriano Aguiar, como ativista folkmediático, com base nos conceitos apresentados por Trigueiro em que “age motivado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas

simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas para o uso da vida cotidiana”. Ou até mesmo atua como “porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais” (Trigueiro, 2006, p. 4).

Dessa forma, o papel de Adriano Aguiar se apresenta como um sujeito que transita entre a cultura popular e a erudita, de torcedor/brincante do Boi Caprichoso e amante da cultura bovina¹¹ parintinense à figura de músico e compositor, utilizando a toada de boi como um canal no ambiente digital para globalizar as mensagens presentes no contexto folclórico do Boi.

Destaca-se a partir da classificação de Adriano Aguiar como um dos compositores da toada, como um animador cultural, seja na sua rua, bairro, na sua cidade, como é o caso de Parintins, “viabilizando a movimentação entre a realidade do seu mundo vivo e a encenação da ficção televisual. É um promotor de acontecimentos que interliga a produção cultural dos grupos populares espontâneos em instituições, como escolas, bibliotecas e sindicatos, entre outras” (Trigueiro, 2006, p. 5). O ativismo folkmediático do compositor, portanto, por ser visto não somente na toada em que compõe massificada pelos meios de comunicação de massa, mas através de suas redes sociais como divulgador da cultura popular, por meio de suas obras artísticas musicais, e até mesmo por meio de entrevistas nas emissoras de rádio, TV, falando sobre essa temática do Boi-Bumbá, especificamente, as africanidades retratadas na toada Málúù Dúddú analisada a seguir.

Por dentro da toada: desbravando a simbologia de Málúù Dúddú

Outro ponto elementar desta toada, é a representação das raízes africanas dentro da brincadeira de Boi-Bumbá, pois além de exaltar a luta e a resistência do povo negro desde o período da escravidão até os dias atuais, a toada apresenta uma herança cultural africana que se tornou um legado na região, em um ritmo dançante mesclando gêneros musicais como o

¹¹ O Boi-Bumbá é tão importante e presente no cotidiano amazonense, especialmente no parintinense, que habitualmente, qualquer coisa ou assunto relacionado ao festival dos bumbás, ganha o predicativo “bovino”. Assim temos: “cultura bovina”, “ritmo bovino”, “itens bovinos”, “programas bovinos” etc.

Ijexá, Samba *Reggae*, e a base da toada de boi, marcando dentro desta obra musical e artística a ancestralidade africana presente no processo de formação social da Amazônia.

É válido ressaltar que as referências afro-indígenas nas toadas do boi Caprichoso são iniciadas na primeira década desse século, acompanhando a sua inserção em projetos de arena somadas às expressões musicais e plásticas (Silveira; Nakanome, 2019). Embora, desde o século passado se tenha a contribuição sonora dos tambores e a festa de terreiro com batuques influenciando os arranjos das toadas, rendendo menções residuais à cultura afro desde a sua gênese, sendo depois retratada pela formação africana, indígena e europeia. Como sintetizado por Bruce e Silveira (2021, p. 183), os primeiros registros de toadas de boi “versavam principalmente sobre aspectos bucólicos do lugar (o rio), sobre os amores (a morena bela) e sobre o Bumbá (com realce para os desafios, muito apreciados pelos torcedores, e para o “auto do Boi”)”, e durante os anos de 1990 passaram a incorporar temáticas voltadas à preservação ambiental e, posteriormente, à valorização da cultura indígena — frequentemente representada de forma idealizada. A partir de 2017, há uma ampliação das afirmações afro-religiosas, marcando o entrecruzamento entre os projetos musicais e de arena com as bandeiras de luta de negros e indígenas (Bruce e Silveira, 2021), o que Nogueira (2014) já apontava como um esforço “lítero-cênico-musical”. E com essa breve explanação citada nas linhas anteriores, o Caprichoso vem contando a sua ancestralidade afro-indígena, como a enaltecida toada Málúù Dúddú.

O músico e pesquisador sobre ritmos amazônicos, Ygor Saunier (2024), que executa os ritmos da música no naípe de percussão compondo a banda oficial do Boi Caprichoso, explica em vídeo no seu canal do *YouTube*¹² que “a toada Málúù Dúddú busca evidenciar os afrodescendentes, raízes afroamazônicas do nosso boi negro, do boi Caprichoso” (Saunier, 2024).

Do ponto de vista socio-histórico, a mensagem da toada Málúù Dúddú apresenta um contexto plural da Amazônia retratado além dos arranjos musicais, com as percussões e instrumentais harmônicos e melódicos, corroborando aos pressupostos da pesquisadora Maria Cristina Gobbi (2007), quando apresenta a cultura brasileira popular como fruto de

¹² O ritmo da música Málúù Dúddú (PARTE 1) [#boicaprichoso](https://www.youtube.com/watch?v=L5d5SKLaWV4) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5d5SKLaWV4> Acesso em 1 de abr. de 2025.

fusões e intercâmbios de culturas antigas, como a indígena, africana, migrantes (japonesa, italiana, alemã) e da própria imigração de norte a sul, leste a oeste do país.

Um dos registros que corroboram esta intenção captada na toada Málúù Dúddú, é a entrevista do mestre em psicologia, historiador e membro do Conselho de Artes do Boi Caprichoso, Adan Renê, ao jornalista Roberto Sena em que afirma:

Visualizo na toada uma continuidade acertada do Conselho de Artes no investimento em resgatar as africanidades do Boi Caprichoso. Não se pode esquecer que este resgate acontece sob a presidência de Ericky Nakanome, uma pessoa que podemos chamar de "intelectual orgânico", que teve a sensibilidade de pensar a luta antirracista dentro das nossas festas. Rossy Amoedo "comprou a briga" e as vozes se mantiveram erguidas. É uma afirmação de identidade negra que o Boi Caprichoso vem fazendo questão de manter, focando o antirracismo e as diásporas do povo negro pela Amazônia que nos legaram o Boi Negro de Parintins. Assim como nem todos os aliançamentos se fizeram na base da dor, nem toda toada precisa focar necessariamente o sofrimento. E esta é a feliz ênfase de Málúù Dúddú: brincando na base da esperança, sem esquecer a luta! (Adan Renê, 2024, n.p.).

Ou seja, na visão do Conselho de Artes do Boi Caprichoso, ainda que a toada de boi seja considerada um produto musical apropriado pela Indústria Cultural, ela sempre vai apresentar uma mensagem social forte (sobre as lutas do povo negro neste caso), sem perder de vista a alegria de brincar de boi, de exaltar as coisas boas do folclore amazônico e a cultura popular de modo geral.

Muito além da modernização da toada de boi, a mensagem transmitida ainda demonstra preocupações sobre questões sociais e históricas relacionadas aos povos da Amazônia, e isso é enriquecido, conforme descreve Gobbi (2007, p.21), por signos e significações permeado pelos meios de comunicação de massa em que traduz de uma história específica, um ritmo próprio, com peculiaridades mostradas nos tempos históricos e subjetivos, sendo, portanto, a complexidade de ritmos, formas, cores, valores e de manifestações que configura o patrimônio de uma sociedade que, recheado de importância peculiar, garante a preservação do passado e permite a construção do futuro.

Análise da toada Málúù Dúddú

Para buscar a compreensão sensível da toada Málúù Dúddú, amparamos a breve análise a seguir nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso à luz de Mikhail Bakhtin

(2002). Em oposição ao caráter estruturalista da escola francesa de Análise do Discurso, considerada por muitos a maior referência neste campo. Bakhtin, filósofo e teórico da linguagem russo, subverteu o paradigma estruturalista e desenvolveu seu método valorizando os aspectos simbólicos das expressões de linguagem humanas.

Desta feita, seu método é forjado sob as seguintes conjecturas: 1) Dialogismo, 2) Heteroglossia, 3) Carnavalização, 4) Polifonia, 5) O autor e o herói, e 6) Contextualidade. Destes pilares analíticos, selecionamos apenas quatro para conduzir nosso olhar durante a interpretação da toada: Dialogismo, Carnavalização, Polifonia e Contextualidade. Tal é a diversidade cultural apresentada na obra, que observamos, por vezes, mais de um elemento dentro de uma mesma estrofe.

Logo no início da toada, nota-se uma clara conjunção semântica e semiótica de contextualidade e dialogismo, pois fica evidenciado a importância do contexto social e histórico dos elementos africanos e como eles dialogam com o contexto do Festival de Parintins e com o Boi Caprichoso em particular. Logo, cria-se uma teia dialógica complexa, entre os dois discursos (africano e brasileiro/amazônico) apresentando a convergência folclórica entre as culturas. Para Bakhtin (2002) toda linguagem é dialógica, um enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior. Nesse contexto, uma linguagem jamais será isolada, sem fazer referências e/ou interação com outros discursos culturais.

Iniciando na língua lorubá, a toada apresenta em sua primeira estrofe a proposta de abordar as africanidades presentes também na brincadeira de boi, parte da cultura popular afroamazônica, que segue ao longo da letra. Dada à relevância dos termos utilizados na toada de boi é que podemos considerar “Málúù Dúddú” como ponto alto desta obra artística musical seja como título, refrão e a própria mensagem que a letra repassa a quem aprecia, do Boi Preto, mesmas cores do Boi Caprichoso e caracterizado dentro da arena do Bumbódromo com pinturas de povos africanos conforme fotografia abaixo.

Málúù Dúddú, Málúù Dúddú
Málúù Dúddú, Málúù Dúddú
Málúù Dúddú, Málúù Dúddú
Málúù Dúddú, Málúù Dúddú

Figura 1 – Boi Caprichoso se apresentando na arena do Bumbódromo como Málúù Dúddú



Fonte: Alex Pazuello/Secom – Governo do Amazonas

Na segunda estrofe da toada é apresentada a postura subversiva do Boi Caprichoso (Carnavalização), onde nota-se um discurso de resiliência onde o Boi afroamazônico torna-se protagonista e inverte as hierarquias sociais com protesto velado, humor e caos. É onde se observa as vozes sufocadas falando (Polifonia), ganhando espaço. Neste momento, busca-se detalhar o sentido do Boi Caprichoso ser Málúù Dúddú, de mostrar essas conexões afroamazônicas presentes no próprio boi de pano, do brinquedo do povo que sempre lutou e resistiu contra toda forma de opressão, de demonstrar que manifestações folclóricas e culturais nascidas das camadas populares sempre foram de caráter denunciante, comunicavam seus anseios, utilizando dos festejos, das brincadeiras como canal alternativo de comunicação, onde se pode conceituar como veículos folkcomunicacionais. Abaixo a segunda estrofe:

Couro de veludo, negro como a noite
Astro fumegante, boi de encantaria
Brinquedo que gira na roda, fantasia
Símbolo do povo, arauto da cultura
Filho do quilombo que nasceu na rua
Ginga lê-lê

Na terceira estrofe da toada, são citados instrumentos de origem de matriz africana, como os atabaques e o agogô que segundo o pesquisador e percussionista da banda oficial do Boi Caprichoso, Ygor Saunier, tem ligação com entidades religiosas de matriz africana que faz ligação com o metal, um elemento considerado precioso da natureza, e é utilizado na introdução da toada executado por Saunier. Aqui, nota-se a apoteose polifônica da toada. É quando a agremiação folclórica afirma que o seu boi de pano é também o boi de preto; o Caprichoso é o Málúù Dúddú da floresta amazônica. A mensagem é uníssona e, ao mesmo

tempo, plural. O Caprichoso se forjou em muitos para ser único, e transmutado em Málúù Dúddú, representa uma nação.

No batuque do tambor
Atabaques e agogô
Tambor de couro
Pele feita no calor
Rodopia no terreiro
Boi de santo brasileiro
Trovão se ouve
Foi meu preto que urrou

A parte final da toada é de exaltação e contemplação. O Caprichoso se mostra e se “amostra” ratificando mais uma vez que é singular e plural e contextualiza sua expressividade cultural miscigenada, apresentando a natureza e beleza do seu bailado. As duas estrofes seguintes da toada referentes ao refrão, onde se repete duas vezes, ocorre a exaltação do Boi Caprichoso, fazendo menção ao gingado por meio da condução através dos tambores, e ao *Alabê*¹³ que de acordo com a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, de Nei Lopes (2011), significa um músico ritual da orquestra do Candomblé e é necessariamente um *Ogã* submetido aos rituais de iniciação. Esse nome designou, originalmente, e em especial na mina maranhense, o tocador de *agbê* (*alagbê*, "o dono da cabaça").

Málúù Dúddú, Málúù Dúddú, girou
Málúù Dúddú, Málúù Dúddú, girou
Alabê, tocou tambor
Málúù Dúddú, Málúù Dúddú, girou
Málúù Dúddú, Málúù Dúddú, girou
Na batida do tambor

Por fim, a toada encerra com um manifesto de resistência, desta vez com um discurso mais claro e desafiador, marcando posição e seu imaginário emancipador, clarificante, disposto ao enfrentamento para libertar-se de toda forma de opressão e discriminação, defendendo a potência e latência da cultura popular. A última estrofe retrata o boi como “*agbara*”¹⁴ palavra em iorubá, que significa potência, força e poder e está presente portanto, na mensagem do Boi Caprichoso dentro da toada e de seus espetáculos, avançando contra

¹³ Danças Folclóricas. Disponível em <https://dancasfolcloricas.blogspot.com/2011/03/alabe.html> Acesso no dia 4 de abril de 2025.

¹⁴ Festival de Parintins | Você sabe o que significa "AGBARA"? Disponível em: https://www.instagram.com/festivaldeparintins/p/C_eDZJsNGwX/ Acesso no dia 4 de abril de 2025.

toda forma de discriminação, rompendo paradigmas e obstáculos e manifestado por meio da arte, folclore e cultura popular.

A ponta do chifre é a lança que avança
Contra o racismo e a intolerância
A porteira de opressões não aguenta
Meu boi é Agbara, ninguém enfrenta!

Com isso, acredita-se que o discurso (ou discursos) presente na toada Málúù Dúddú cumpre seu papel dentro dos pressupostos bakhtinianos do método de Análise do Discurso, pois está fincada na interação dinâmica entre diversas vozes e contextos socioculturais. Assim, reconhecendo a complexidade e a riqueza da comunicação humana. Sua abordagem destaca a importância e multiplicidade de fatores que influenciam na produção e interpretação dos mais diversos tipos de linguagem espalhados pelo mundo.

Considerações finais

A toada Málúù Dúddú rompeu barreiras e consolidou-se como um veículo folkcomunicacional importante (para os dois Bois de Parintins), porque exerceu um protagonismo e uma liderança paralela, utilizando o Festival de Parintins como um canalizador para escoar uma mensagem de resistência e resiliência frente à discriminação e invisibilidade dos grupos marginalizados de matriz africana que compõem a identidade cultural amazônica e brasileira como um todo.

Desta feita, Málúù Dúddú torna-se um instrumento folkmidiático a partir da apropriação de um meio de massa pela dinâmica da transmissão folclórica ou de uma manifestação popular que se apropria desses meios, sejam veículos de comunicação ou as mídias digitais. Esses canais folkcomunicacionais podem se revelar de forma oral (contos), gestual, autos, escritos, cordéis e folhetos, por meio de signos que possam transmitir a mensagem desejada utilizando-se de códigos icônicos, linguísticos ou sonoros, como assinala Umberto Eco (1965, p. 385).

E nesse sentido, compreendemos a toada de boi Málúù Dúddú como um canal sonoro folkmidiático que ultrapassou as fronteiras da Amazônia e marcou o Festival Folclórico de Parintins, sobretudo no ano de 2024, com a viralização da música em diversos canais digitais e popularizando ainda mais o Boi-Bumbá Caprichoso mundo a fora. No canal do Boi Caprichoso

no *YouTube*, por exemplo, em 11 meses de lançamento da toada, já são um milhão, sete mil, cento e oitenta e seis visualizações, 544 comentários e 8,6 mil curtidas. No *Spotify* a toada é a segunda mais ouvida da história, com um milhão, quatrocentos e trinta e dois mil, oitocentos e sessenta e seis reproduções.

Acreditamos ainda que o lançamento de Málúù Dúddú é um grito estratégico de resistência por uma razão pouco falada e menos ainda enxergada e difundida pela imprensa e demais instrumentos da grande mídia: o “embranquecimento do Bumbódromo”. A partir da “gourmetização” e mundialização midiática do Festival de Parintins, a arena parintinense passou a ser ocupada predominantemente pela elite turística, tanto amazônica quanto nacional/internacional, e, sabemos que esta parcela da nossa sociedade é majoritariamente branca.

A não ser pelos membros brincantes dos dois Bumbás e das galeras organizadas Raça Azul (Caprichoso) e Comando Garantido (Garantido), a população nativa (parintinense e/ou amazonense) é vista em menor número dentro do Bumbódromo, e sempre em lugares pouco privilegiados da arena, porque o preço dos ingressos ano a ano é cada vez mais abusivo. Toadas como Málúù Dúddú são a maneira alternativa de manter presente a representatividade desses grupos marginalizados que estão na base da cultura popular amazonense e amazônica e forjam nossa identidade e expressividade cultural miscigenada. É a presença na ausência.

Apesar de que tanto o Conselho de Artes do Caprichoso como a Comissão de Arte do Garantido tem membros dentro da academia científica, muitas vezes, não há muito crivo nas letras das toadas que chegam dos compositores, em sua maioria intelectuais orgânicos que baseiam grande parte de sua obra no empirismo (fato evidente quando eles próprios precisam explicar ao público sua criação). Que o Festival Folclórico de Parintins continue sendo atravessado por toadas e manifestações como Málúù Dúddú, instrumento folkmediático potente e eficiente. Um estouro cultural de folclore, emoção e ciência, que transcendeu qualquer limitação de tempo e espaço para espalhar sua mensagem pelos quatro cantos do mundo. Viva a cultura popular brasileira!

Referências

- AGUIAR, Adriano. **Entrevista com Adriano Aguiar**. Blog Roberto Sena, Parintins, abril, 2024. Arquivo.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Ed. Cortez, 1980.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos expressão de ideias**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2000.
- BRAGA, Sergio Ivan Gil. **Os Bois-bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte, EDUA, Manaus, 2002.
- BRUCE, Caroline dos Santos; SILVEIRA, Diego Omar. “Parintins virou congá!”! Representações afro religiosas no som dos Bois-Bumbás de Parintins. In.: OMAR, Diego; GARCIA, Elizandra; NAKANOME, Erick. **Os Bois-Bumbás de Parintins: novos olhares**. Manaus: Editora UEA; Rio de Janeiro: Autografia, 2021.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Casa Ed. Valentino Bompiani, 1965.
- GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Folkcomunicação: a mídia dos excluídos**. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 2007
- LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana** [recurso eletrônico] / Nei Lopes. – 4ed. – São Paulo: Selo Negro, 2011.
- NOGUEIRA, Wilson. **Boi Bumbá**. Imaginário e espetáculo na Amazônia. Manaus: Valer, 2014.
- TRIGUEIRO, Osvaldo. **O ativista midiático da rede folkcomunicacional**. Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 4, núm. 7, enero-junio, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6317/631769506009.pdf> Acesso em 2 de abril de 2025
- NOGUEIRA, Wilson. **Boi Bumbá: Imaginário e Espetáculo na Amazônia**. Ed. Valer, Manaus, 2014.

REVISTA ISTO É CAPRICHOSO. Parintins: [s.n.], 1982. (Arquivo Cedem do Boi Bumbá Caprichoso).

RODRIGUES, Allan. **Boi-bumbá**: Evolução. Manaus: Editora Valer, 2006.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Ed. Sulina, Porto Alegre, 2012.

SILVEIRA, Diego Omar; NAKANOME, Ericky. A Jurema sagrada na Amazônia: representação e preconceito religioso nos bois-bumbás de Parintins. In: **Revista Senso**. Belo Horizonte: Grupo Senso, v. 11, 2019.

RENÊ, Adan. **Entrevista com Adan Renê**. Blog Roberto Sena, Parintins, abril, 2024. Arquivo.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. In: Seminário nacional de políticas públicas para as culturas populares. Brasília, 2005.